

**FACULDADE LABORO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAPHAELA DIONICE SILVA MENDES

**A MUSICALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA
SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

SÃO LUIS – MA

2023

RAPHAELA DIONICE SILVA MENDES

**A MUSICALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA
SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade
Laboro, para obtenção do título de Pedagogo.

Orientador(a): Prof.(a). Ms. Paulo Ricardo Amaral
Oliveira.

São Luís - MA

2023

Mendes, Raphaela Dionice Silva

A musicalização como possibilidade de desenvolvimento da socialização de crianças autistas na educação infantil. / Raphaela Dionice Silva Mendes. - São Luís, 2023.

27 f.

Orientador (a): Prof. Me. Paulo Ricardo Amaral Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Laboro, São Luís, 2023.

1. Música. 2. Autismo. 3. Socialização. 4. Educação infantil. 5. Pedagogia I. Título.

CDU 78:37

RAPHAELA DIONICE SILVA MENDES

**A MUSICALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA
SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade
Laboro, para obtenção do título de Pedagogo.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. (Orientadora)
Doutora em ...
Universidade ...

Examinador 1

Examinador 2

A MUSICALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RAPHAELA DIONICE SILVA MENDES ¹

RESUMO

O presente artigo apresenta como problema de pesquisa a indagação acerca da utilização da musicalização como forma de desenvolvimento da socialização de crianças com transtorno do espectro autista. O objetivo geral da pesquisa foi analisar como a musicalização pode ajudar para que essas crianças possam socializar com o meio na qual estão inseridas. A metodologia utilizada para alcançar o objetivo, tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de nível exploratório, que contou com a colaboração de três participantes que responderam um questionário para maior entendimento da temática. Os resultados presentes nesse artigo, revelaram que a musicalização é uma forte estratégia pedagógica que contribui para o desenvolvimento da socialização de crianças autistas na educação infantil.

Palavras-chave: Autismo; Musicalização; Socialização.

¹ Licenciatura em Pedagogia - Faculdade Laboro, 2023

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 O autismo e o seu diagnóstico	9
2.2 Musicalização	11
2.3 A musicalização no desenvolvimento social de crianças com TEA	13
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
Categoria 1 – Musicalização, Desenvolvimento e Socialização	17
Categoria 2 – Socialização e interação em roda	18
Categoria 3 – Orientações propostas nas rodinhas	19
Categoria 4 – Interação continuada após a rodinha	21
Categoria 5 – Musicalização como estratégia pedagógica para a comunicação e interação de crianças autistas	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A	27

1 INTRODUÇÃO

AO presente artigo tem como objetivo geral analisar como a musicalização pode influenciar no desenvolvimento social da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), contando com os seus três objetivos específicos: compreender a forma que a criança autista interage e socializa quando está em uma roda de musicalização, observar se mesmo após a roda de musicalização, a criança ainda consegue estabelecer uma comunicação com os colegas e por último identificar se houve mudanças na socialização e interação dessas crianças após a implantação das aulas de musicalização.

Para maior conhecimento sobre a temática, realizou-se um minucioso levantamento bibliográfico, juntamente, com uma pesquisa exploratória afim de coletar dados acerca do tema. Como forma de dar início ao estudo vale transcrever o que é o autismo². De acordo com Zillboviclus, Meresse e Boddaert (2006) podemos entender que “o autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento com diversas apresentações clínicas. Essas apresentações variam em gravidade (leves a graves) e são denominadas transtornos do espectro do autismo” (p.1).

Ao pensar sobre essa afirmativa podemos perceber que o autismo está diretamente ligado ao desenvolvimento humano. Nesse sentido, a finalidade deste estudo parte do entendimento de que a musicalização pode influenciar diretamente na superação ou minimização de barreiras muito expressivas do espectro, sendo uma das principais a socialização com outros pares. Para melhor abordar o tema utilizou-se de alguns autores como: Nobre (2002); Anis, Elis, Ferreira, Macari, Evaristo e Langendonck (2017); Maranhão (2020); Zillboviclus, Meresse e Boddaert (2006).

Destaca-se que o interesse pela temática surgiu atrelado a algumas vivências com alunos atípicos – mais especificamente os alunos com TEA – no contexto escolar em estágios não obrigatórios realizados por esta pesquisadora. Através de observações subjetivas percebia-se que a musicalização apresentava-se como uma ferramenta fundante no trabalho com as mais variadas crianças, incluindo aqueles que possuem

² Utilizaremos as terminologias “autismo” ou “TEA” para fazer referência ao Transtorno do Espectro Autista.

algum transtorno ou deficiência. Fato que possibilitou e constitui as bases desta pesquisa ora proposta.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu observar de que forma essas crianças socializam e interagem quando estão em uma roda de musicalização, foi perceptível vários benefícios desenvolvidos por meio da música, como o lado social, cognitivo e afetivo bem como uma melhora na interação dos indivíduos com outras crianças da mesma faixa etária. Destaca-se por fim, que esta pesquisa dividiu-se em cinco partes: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões e considerações finais, sendo que cada uma delas apresentou elementos em relação a como a pesquisa foi desenvolvida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O autismo e o seu diagnóstico

Para maior embasamento do estudo, vale transcrever o que é o autismo e os seus sinais, o mesmo pode ser entendido como “[...] um transtorno de neurodesenvolvimento com diversas apresentações clínicas. Essas apresentações variam em gravidade (leves a graves) e são denominadas transtornos do espectro do autismo” (ZLLBOVICLUS; MERRESE; BODDAERT, 2006, p.1).

O sinal mais comum do transtorno é o déficit de interação social que está associado a déficits de comunicação verbal e não-verbal e a comportamentos estereotipados e repetitivos (ZLLBOVICLUS; MERRESE; BODDAERT, 2006). Conforme destaca Zannon, Backes e Bosa (2014) outras características presentes no TEA são: 1) atraso/peculiaridades no desenvolvimento da linguagem; 2) problemas no comportamento social.

Dessa maneira as pessoas com o transtorno tem uma grande dificuldade de comunicar-se e interagir com o meio social em que ele está inserido, não por falta de intenção de socializar, pelo contrário, o mesmo não sabe como dá início a uma interação. Nobre (2002, p.6) por exemplo, destaca que a pessoa com autismo apresenta “[...] a intenção de interagir com o meio. Contudo, isto não acontece pelo simples fato de que este não sabe como dar início a uma conversação”.

Ao analisarmos as dificuldades apresentadas com o TEA apresenta-se a necessidade de um processo de observação e avaliação. De acordo com Nobre (2002), deve-se manter um observação comportamental frequente do sujeito com TEA, analisando desde os primeiros anos vida, verificando se o indivíduo acompanha um ritmo de comportamento desejado para com a faixa etária apresentada. Os primeiros sinais do transtorno do espectro autista tendem a surgir na infância, percorrendo pela adolescência até a fase adulta.

Em torno do contexto histórico do transtorno, destaca-se que no ano de 1942, o austríaco e psiquiatra Leo Kanner retratou o autismo como uma doença relacionada a mesma linhagem da esquizofrenia, retratando-a como “distúrbios autísticos do contacto afetivo” (ASSUMPÇÃO; PIMENTEL, 2000). Tempos depois em 1979, o também psiquiatra Edwart Ross Ritvo, altera as primeiras concepções do autismo o

relacionando a um quadro de déficit cognitivo como comentam os autores Assumpção e Pimentel (2000, p.37) “[...] relaciona o autismo a um déficit cognitivo, considerando-o não uma psicose e sim um distúrbio do desenvolvimento.” Portanto, é possível observar que o autismo foi conceituado de duas maneiras, pelos psiquiatras Leo Kanner e Edwart Ross Ritvo.

Nota-se que as questões propostas atualmente sobre o transtorno possibilitaram entender que a pessoa com TEA apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas podem viver de forma independente e funcional através de adaptações pedagógicas, terapias, bem como, outras intervenções pedagógicas. Destaca-se contudo, que todo o trabalho com esse público deve observar os diferentes níveis de suporte apresentado pelo sujeito, considerando as suas particularidades³.

Ao longo do tempo, as determinações para fornecer o diagnóstico foram modificadas, conforme afirmam Fernandes, Girianelli e Tomazelli (2020) “Os critérios que subsidiaram o diagnóstico do autismo passaram por diversas mudanças ao longo dos anos e foram descritos nos manuais de categorização nosológica.” (p.1). Vale destacar que independente dos critérios estabelecidos hoje em dia é bem aceito a ideia de que o diagnóstico na infância apresenta-se como uma possibilidade muito importante no desenvolvimento de uma vida funcional por este sujeito.

No contexto diagnóstico pode-se afirmar que as primeiras observações, na maioria das vezes, são verificadas por pessoas do próprio convívio do aluno como pais e responsáveis. A busca pelo diagnóstico pelos pais e responsáveis começam após algumas análises feitas diariamente pelos mesmos, como atraso no desenvolvimento da fala e falta de interação social.

Sobre o assunto, Backes, Bosa e Zanon (2014) enfatizam que:
“Em relação à natureza dos primeiros sintomas observados pelos pais, o atraso no desenvolvimento da comunicação e da linguagem é o sintoma relatado com maior frequência (Chakrabarti, 2009; Chawarska et al., 2007; Coonrod et al., 2004; De Giacomo & Fombonne, 1998; Howlin & Asgharian, 1999). Por outro lado, pesquisas demonstram que os comprometimentos no desenvolvimento social são os primeiros sintomas a emergirem, embora reconhecidos apenas por uma pequena parcela dos pais (Johnson, 2008; Werner, Dawson, Munson, & Osterling, 2005) (p. 27)”.

³ Ao pensarmos na terminologia “espectro” entende-se de maneira muito presente que os sujeitos que possuem o autismo apresentam diferentes características, bem como, diferentes limitações ou potencialidades.

Após as próprias análises, os responsáveis começam uma jornada em busca de maiores esclarecimentos sobre o assunto, por esses motivos, a procura por profissionais como psicólogos, psiquiatras e neurologistas se tornam frequentes. Contudo, o laudo de autismo somente é finalizado, posteriormente, as consultas clínicas frequentes com profissionais especializados em autismo.

Reforça-se que estes profissionais precisam fazer esse processo contínuo de avaliação pois conforme ressalta Nobre (2002), as pessoas com TEA são únicas e tem infinitas formas de ser, dando sentido a palavra “espectro” por suas diferentes potencialidades ou limitações. Ao abordar essas diferenças entres sujeitos com autismo reforça a necessidade de uma observação mais contundente pelas escolas de modo a adotar uma prática pedagógica mais inclusivas e acolhedora para com este público.

2.2 Musicalização

“A musicalização é um processo de construção de conhecimento musical, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, estimulando e contribuindo para a formação física e emocional do indivíduo.” (ARNIS, ELIAS, FERREIRA, MACARI, EVARISTO, LONGENDONCK, 2017, p. 892). A musicalização, se faz necessária no cotidiano de nós seres humanos, por gerar benefícios capazes de proporciona um desenvolvimento afetivo e uma construção de um paladar musical.

Musicalizar é despertar um conhecimento musical dentro dos indivíduos, gerar um senso musical que pode ser uma porta aberta para ingressar no universo musical. Por isso, é essencial a musicalização na educação infantil, por ser um recurso pedagógico capaz de desenvolver nas crianças um “ouvido musical” como descreve a autora Oliveira (2001):

“Musicalizar significa desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvido musical”, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro. O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro.” (p. 99)

Para maior facilitação do aprendizado, a musicalização vem sendo utilizada na educação infantil para proporcionar uma construção de conhecimento mais lúdico sendo capaz de desenvolver vários benefícios como destaca Junior e Cipola (2017) “O

aprendizado realizado com música contribui para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos, motor e convívio social.” (p. 126).

Nos primeiros anos de vida, a musicalização se torna essencial na vida dos alunos, pois é capaz de desenvolver a fala e o aumento do seu vocabulário. Dentro da sala de aula da educação infantil vem sendo indispensável o momento da “rodinha”⁴, por ser um momento de um aprendizado significativo, em que os alunos começam a trabalhar com alguns elementos fundamentais para o seu aprendizado e sua socialização com os demais colegas.

Dessa forma, o uso no dia a dia se torna necessário tanto no desenvolvimento cognitivo, como nos aspectos relacionados a sociabilidade da criança, em torno disso, Junior e Cipola (2017) destacam que:

[...] a música em sala de aula, como auxílio pedagógico é fundamental. Pois quanto mais cedo a criança iniciar o seu contato com o mundo musical, o desenvolvimento das suas habilidades, motora, afetiva e social vão aflorar, facilitando e ampliando assim o seu conhecimento de mundo (p. 128).

Nesse sentido, sabendo que a musicalização desperta um desenvolvimento social, motor e afetivo, busca-se relacionar como a música pode ser aplicada em crianças com TEA, as quais são afetadas pela dificuldade de socialização e comunicação. Ao inseri-las em uma roda musical, as crianças são capazes de socializar com o meio, cantando, fazendo sons com as mãos, com os objetos ou com os próprios instrumentos musicais.

Uma troca de instrumento com o seu par em uma roda musical se torna uma pequena forma de interação. Conforme trazem Anis, Elis, Ferreira, Macari, Evaristo e Langendonck (2017) “Quando inserimos instrumentos musicais nessas atividades, estes podem servir de intermediário efetivo entre a criança e seus pares ou pais, oferecendo-lhes um ponto de contato inicial” (p.895). Tal fato produz um significativo avanço no desenvolvimento social para crianças com TEA. O compartilhamento de diferentes objetos, bem como os diferentes sons trabalhados na “rodinha” é o início de um caminho para a comunicação verbal, pois o mesmo vai se tornando seguro para verbalizar logo adiante.

⁴ Utilizar-se-á esta terminologia para descrever o momento de interação entre professor(es) e alunos(as) em círculo no contexto da educação infantil.

Trazer para aula de música uma dança coletiva faz-se uma metodologia perfeita para uma interação em grupo, tornando a criança mais incluída no ambiente. Ressalta Nobre (2002):

Tendo em vista que quando a pessoa dança na coletividade, ela estará interagindo com o grupo, se comunicando pelo movimento e, referente ao comportamento repetitivo, estará dando sentido a um movimento que outrora acontecia sem significado. Logo, tem-se que com o exercício da significação, a pessoa com TEA passa a fazer parte de um contexto, sentindo-se, assim, integrante do meio (p.13).

Portanto, faz-se necessário a presença diária da musicalização nos ambientes onde há presenças de crianças com TEA, para um melhor desenvolvimento social, gerando interações com pares ao seu redor. A musicalização juntamente com a dança, proporciona alegria, diversão e cria-se laços afetivos, tornando a rotina de pessoas com TEA mais harmoniosa.

2.3 A musicalização no desenvolvimento social de crianças com TEA.

A musicalização está cada vez mais presente no mundo infantil, buscando tornar o processo pedagógico mais acessível no dia a dia das crianças e promovendo assim uma gama de conhecimentos educativos por meio de metodologias que utilizam os sons como forma de ensino de conteúdo.

No estudo feito por Anis, Elis, Ferreira, Macari, Evaristo e Langendonck (2017), com 20 crianças e adolescentes diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista observou-se que ao longo das atividades feitas com a musicalização as crianças e jovens responderam aos impulsos musicais, participaram dançando, cantando e se expressaram ao longo das dinâmicas. Foi notado pelos autores que atividades em conjunto com os pais e responsáveis foi um fortalecedor para uma socialização de todos, favorecendo um aumento do vínculo afetivo entre crianças e seus familiares.

Conforme analisado no estudo:

“Memorização, atenção, socialização, desenvolvimento motor são alguns dos ganhos que puderam ser observados, o que possibilitou um encontro final, juntando as duas turmas em uma apresentação realizada em um anfiteatro da universidade.”(ANIS, ELIS, FERREIRA, MACARI, EVARISTO, LANGENDONCK, 2017, p. 901).

O uso da musicalização pelos autores demonstrou um resultado muito expressivo como forma de recurso pedagógico para o aumento da socialização entre as crianças, provando assim que a música deve fazer parte da rotina de crianças com TEA para formar um indivíduo incluso ao seu meio e criar laços afetivos ao seu redor, estabelecendo-se assim como uma possibilidade pedagógica que atinge diretamente uma das principais dificuldades desse público: a interação social.

Filho (2020, p. 22) descreve no seu estudo a relevância da música:

[...] a música é responsável pelo desenvolvimento nas áreas da linguagem, da socialização, do engajamento afetivo, da aprendizagem musical, da minimização de comportamentos estereotipados, do fortalecimento de vínculos familiares, da cognição, entre outros aspectos (FILHO, 2020, p.22).

Observando a relevância dessa temática percebe-se a abertura de um campo profissional em sujeitos com formação em música e com conhecimentos em relação ao autismo utilizam a musicalização em sessões com seus pacientes, a chamada “musicoterapia” que se trata do uso da música como forma de desenvolver a socialização e outros aspectos afetados pelo espectro.

Maranhão (2020) nesse sentido discorre que “a Musicoterapia contribui de maneira relevante no que diz respeito, principalmente, aos processos a comunicação de modo geral e a linguagem, que contribuem na interação social” (p. 99). A autora completa “Estudos em várias Universidades do mundo comprovam que a Musicoterapia é eficaz, com profundos efeitos sobre a melhoria de diversas habilidades em indivíduos com autismo.” (Idem, p. 99).

Dito isso, o contato da criança autista com a musicalização gera o desenvolvimento da comunicação e socialização, possibilitando a interação em grupo, o que torna-se relevante para o seu desenvolvimento pessoal. A música trabalhada de forma correta torna-se uma poderosa ferramenta, capaz de gerar vários benefícios na vida pessoal e social de crianças com TEA.

Dessa forma, o autismo e música devem andar juntos para desenvolver as áreas afetadas pelo espectro, suavizando os problemas da socialização, ajudando a criança a ser inserida em sociedade e interagir com outras crianças que o rodeiam. Por esse motivo, é de extrema importância ao docente trabalhar atividades musicais em grupos para desenvolver as situações descritas acima.

Conforme enfatizado por Nobre (2002) “A musicalização não tem o seu fim restrito a formar músicos ou cantores profissionais. Mais do que isso, ela tem a capacidade de contribuir em vários aspectos do desenvolvimento do ser humano” (p.7). Portanto, é indispensável o uso da musicalização na vida de crianças com TEA por beneficiar o seu desenvolvimento.

Quanto as crianças que possuem hipersensibilidade sonora, é necessário que aja um conversa inicial com a mesma, preparando-a, explicando que haverá sons e toques de instrumentos durante as aulas. Procurando sempre, mostrar como ocorrerá as aulas e quais sons serão produzidos, para assim, não ocorrer um desconforto auditivo durante esse processo e permitir que essas criança desfrutem desses momentos harmoniosos de musicalização.

3 METODOLOGIA

O presente artigo tem como finalidade a realização de um estudo para melhor compreender como a musicalização pode ajudar no desenvolvimento da socialização de crianças autistas. Contou-se com uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, juntamente, ao um levantamento bibliográfico. Foi usado como instrumento de coleta de dados a ferramenta Google Formulário que continham cinco questões.

A abordagem qualitativa antes citada segundo Minayo (2011) trata-se de uma pesquisa com questões particulares, contendo um nível de realidade que não deveria ser quantificado, pois trabalha com um universo variável de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Tudo isso, forma o que Minayo (2011) entende como “parte da realidade social” por se tratar de um conjunto de fenômeno humano.

Para fundamentar teoricamente o estudo fez-se um levantamento bibliográfico no que segundo Gil (2002) “é uma pesquisa desenvolvida com materiais já existentes como livros e artigos científicos” (p.03) e que “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.” (Idem, p. 03).

Outra definição importante foi pelo caráter exploratório da pesquisa em que havendo um estudo de campo, onde foi realizado em uma escola da rede privada de São Luís – MA, contou com a participação de duas professoras que atuam na área pedagógica e um professor de música. Foi-se escolhido a pesquisa exploratória por haver um formulário como método de obtenção de dados para o então artigo. O que determina a necessidade de um pesquisa que propõe em seu amago a exploração dos elementos apresentados no estudo de campo.

As pessoas participantes da pesquisa foram professoras com vivências diárias com alunos com TEA. A escola escolhida para a aplicação da pesquisa apresenta uma relação com da autora o que possibilitou um maior acesso aos professores e ao contexto escolar, possibilitando uma melhor condução para a construção dos resultados. Neste sentido, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi um questionário desenvolvido na ferramenta Google Formulário contendo cinco questões pertinentes a musicalização e o autismo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo teve como finalidade observar os benefícios adquiridos pelas crianças com TEA através da musicalização. Para analisarmos os benefícios foi realizado uma pesquisa em uma escola da rede privada de São Luís, e contou com três participantes. Participante 1, trata-se de uma professora, Participante 2 da auxiliar da regente e Participante 3 trata-se do professor de música. A escola escolhida está localizada na avenida Rei de França, no bairro do Turu.

TABELA 1 – participantes, graduação, pós graduação, experiência profissional e anos vinculado a escola.

Participantes	Graduação	Pós graduação	Experiência profissional	Anos vinculados a escola
Participante 1	Pedagogia	Atendimento Educacional Especializado	10 anos	1 ano
Participante 2	Pedagogia	xxxxxxxxxxxxx	2 anos	7 meses
Participante 3	Música	Musicoterapia	20 anos	3 anos

Fonte: Dados coletados pela autora durante a pesquisa com os participantes.

Categoria 1 – Musicalização, Desenvolvimento e Socialização

Nessa categoria serão apresentadas as respostas obtidas pelos participantes sobre a musicalização e sua importância no desenvolvimento da socialização das crianças com TEA. Segundo a participante 1

A musicalização é muito importante e influencia tanto na área cognitiva quanto na afetiva. Dentre os benefícios é perceptível a melhora das habilidades sociais e a percepção e expressão dos sentimentos. A criança com TEA quando tem acesso a Musicalização interage com facilidade com os pares (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 1, 2023).

A participante 2, afirma que “Sim, a musicalização é um recurso pedagógico que facilita a inclusão de crianças autistas, pois tem um grande potencial de desenvolvimento entre as educandos” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2,

2023). Já o participante 3, fala sobre a importância da musicalização sendo de “extrema importância para qualidade de vida deles.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 3, 2023).

Observando as respostas dos participantes é possível observar que todos eles concordam que a musicalização facilita no desenvolvimento da criança com TEA. A participante 1 ressalta a importância da musicalização para a área cognitiva e afetiva, destacando o benefício do aprimoramento das habilidades sociais e como a criança melhora nas suas expressões sentimentais. Já a participante 2, completa que a musicalização é um recurso pedagógico que inclui as crianças autistas e tem o potencial de desenvolver os alunos.

O participante 3, comenta que a musicalização tem sua grande importância na vida dos alunos com TEA por favorecer a qualidade de vida dos mesmos. Visto que, a musicalização harmoniza nossos dias e gera bastante benefícios para a saúde mental e corporal, para o desenvolvimento da fala e da comunicação, permite criar laços afetivos e criar lembranças inesquecíveis.

Portanto, a musicalização é necessária para fortalecer o desenvolvimento de crianças com TEA, conforme afirma os autores Anis, Elis, Ferreira, Macari, Evaristo e Langendonck (2017) “atividades contempladas na musicalização podem ser instrumentos potenciais para fomentar a cooperação e a comunicação de crianças com autismo” (p.896).

Categoria 2 – Socialização e interação em roda

Quanto a socialização e interação das crianças autistas em roda a participante 1 afirma que “Sim, interagem e compartilham os recursos disponibilizados pelo professor.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 1, 2023). A participante 2 também afirma “sim” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2, 2023) as crianças quando em roda socialização e interagem com outras crianças. O participante 3, completa “Depende do suporte do autismo e que tipo de perfil autista que a criança tem.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 3, 2023) trazendo em sua resposta que a socialização e a interação depende do grau do autismo da criança.

Analisando as respostas dos professores, houve uma concordância entre os participantes 1 e 2, concordaram que quando em roda os alunos com TEA interagem com outras crianças, a participante 1 completa que os mesmos também compartilham os materiais que o professor disponibiliza. Para o participante 3, as crianças interagem em roda dependendo da forma que ela é auxiliada, dependendo também do grau de autismo que o educando possui.

Fica evidente que o trabalho com alunos que apresentam o autismo precisa ser mediado de modo a direcionar os alunos a compreenderem as atividades propostas pelos professores, facilitando o entendimento quanto as vivências e atividades diárias apresentadas. Durante a roda de conversa, é necessário estimular esse educando a falar, interagir, escutar e acompanhar os comandos descritos pelos docentes, para assim, ter um maior desenvolvimento em seus aprendizados.

As rodinhas feitas diariamente em sala de aula são parte da rotina da escola na educação infantil, trazendo consigo músicas, contações de histórias e diversos ensinamentos sobre o dia a dia. A rodinha sendo parte da rotina, pode trazer vários benefícios. Como ressalta Pinto, Cruz, Pinto, Braga e Paula (2021) sobre os benefícios tragos pela roda “Através da roda de conversa na Educação Infantil, pode ser tratado assuntos diferenciados com o objetivo de explorar ideias, interagir, educar e aprender” (p.1299).

Portanto, a rodinha diariamente realizada pode criar interações e aprendizados de forma satisfatória para crianças com TEA, ao trocar experiências com os colegas e professores em roda, o aluno com autismo aumenta suas possibilidades de inclusão e participação no meio social. Logo, a roda de conversa é uma estratégia que pode fortalecer o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo.

Categoria 3 – Orientações propostas nas rodinhas

Durante o trabalho, surgiu o interesse de tomar conhecimento sobre se as crianças com TEA conseguem seguir as orientações que o professor dita quando estão em roda. Visto que, alguns indivíduos que possuem autismo tem uma certa dificuldade de seguir os comandos, bem como, em habilidades básicas relacionadas a atenção, prejudicando assim, o seu desenvolvimento em algumas atividades.

Para isso, foi-se perguntado aos participantes se esses indivíduos conseguem seguir as orientações propostas pelo professor. Quanto a categoria proposta, dois participantes enfatizaram que as crianças conseguem acompanhar em alguns momentos ou quase sempre. Porém, uma participante situou que sim, que as crianças conseguem seguir as propostas e observou também habilidades musicais com níveis elevados.

Para a participante 1:

Sim, de acordo com o que proposto pra cada faixa etária as crianças com TEA conseguem acompanhar, além do que ainda observamos que algumas crianças ultrapassam os níveis demonstrando muitas habilidades musicais. (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 1, 2023).

A participante 2, comenta que “Quase sempre”(INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2, 2023), isto é, que em alguns momentos da rodinha a criança ouve e participa das orientações que o professor propõe, o participante 3 fala que alguns alunos conseguem seguir as orientações “Alguns sim e outros apenas com ajuda física total ou parcial” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 3, 2023). É notório que tem uma certa observação na fala do professor 3, afirmando que alguns alunos autistas somente conseguem seguir as orientações do professor em roda quando há uma auxílio de uma outra pessoa.

É importante discorre sobre a fala da participante 1, onde fala que em crianças que possuem autismo conseguem ultrapassar níveis de habilidades musicais a depender dos estímulos recebidos. Pensar dessa forma permite entender que a criança autista também pode apresentar potencialidades, reafirmando assim que o transtorno não está diretamente ligado a capacidade cognitiva⁵ e sim aos aspectos de comunicação e interação social.

Pensar na criança que possui o TEA como um ser de capacidade é um trabalho fundamental até mesmo com o propositor de entender este sujeito como uma pessoa dotada de capacidades e que pode não somente sair-se bem nas demandas pedagógicas, podendo até mesmo superar a expectativa criada para com ela. Oliveira (2020) por exemplo destaca que alguns alunos com autismo podem demonstrar “[...]”

⁵ Vale destacar que o autismo não necessariamente afeta a questão da aprendizagem, irá depender de possíveis deficiências associadas ao transtorno e os estímulos que a criança foi submetida ao longo da sua vida familiar e colegial.

grandes habilidades na organização lógica de melodias, ritmos, harmonias e de sequências musicais (p.15).

Conforme os participantes, os indivíduos com autismo conseguem quase sempre ou sempre seguir as orientações apresentadas pelo/pela docente e apenas alguns deles precisam de um auxílio para acompanhar as orientações. Santiago, Santos e Souza (2018) reforçam que o professor precisa sempre mediar o processo de ensino e aprendizagem.

o aluno autista executa algumas atividades demonstrando capacidade de aprender e se desenvolver quando recebe mediação da professora e apoio da cuidadora. Em alguns momentos ele não executa as tarefas como é proposta pela professora [...] (p. 09).

Pensar em uma prática de mediação para com o aluno com TEA, ou até mesmo, várias outras crianças típicas, traduz o principal papel do professor no contexto escolar que é o de mediador entre a prática escolar e as habilidades de vida diária. Este trabalho sempre constituirá em uma avaliação e observação profunda do aluno em sala de aula identificando os limites e potencialidades do mesmo.

Categoria 4 – Interação continuada após a rodinha

Para um maior entendimento sobre a interação das crianças com TEA em sala de aula, surgiu a dúvida se esses alunos após a realização da rodinha continuam interagindo e se comunicando com os colegas. Os participantes responderam positivamente a essa indagação, completando que se houver um direcionamento é possível continuarem tendo interações com a sala.

Como demonstrado na fala da participante 1 “sim, é possível observar a comunicação, porém se não houver direcionamento por parte do professor a ociosidade causa dispersão” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 1, 2023). A falta de direcionamento do professor pode causar uma fácil quebra na interação das crianças, uma vez que esses indivíduos se dispersão com facilidade.

A participante 2 comenta “sim, principalmente se houver brinquedos, senão inventam suas próprias brincadeiras mantendo a comunicação.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2, 2023). Ao analisar a resposta da participante acima, notou-se que a brincadeira é um dos instrumentos favoráveis para a interação e

comunicação de crianças autistas, pois o brincar é essencial na fase infantil e traz vários benefícios para inserção da criança ao meio social.

O participante 3 retrata que “depende de vários fatores, mas se a criança for estimulada e através de uso de reforçador é possível sim, lograr êxito nesse objetivo social” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 3, 2023). É possível observar que há uma relação entre as respostas dos professores 1 e 2, onde ambos falam do direcionamento dessas crianças. Portanto, faz-se importante ter uma continuidade após a rodinha, direcionando esses alunos a se relacionar, brincar e se comunicar com as outras crianças, para assim, ter um êxito social em sala de aula, como afirma o participante 3.

Sobre essa temática, os autores Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) ressaltam que a escola é um lugar que favorece um desenvolvimento social infantil, por ter um convívio com outras crianças, ressaltando também a importância do professor mediador, que é capaz de fortalecer as habilidades, tais como a socialização. Por isso, se torna necessário a inserção de crianças nas escolas desde cedo, para favorecer um desenvolvimento social nessa faixa etária.

Contudo, é necessário ter uma continuidade após a roda de conversa, favorecendo uma mediação entre os alunos com TEA e os demais. O papel do professor que media a socialização e interação das crianças com o espectro autista é de grande relevância nas escolas, pois facilita a inclusão no ambiente escolar, caso o professor não forneça uma continuidade do momento de aprendizagem iniciado na rodinha, haverá uma quebra significativa nos estímulos possibilitados a esse público.

Categoria 5 – Musicalização como estratégia pedagógica para a comunicação e interação de crianças autistas

Tornou-se importante ressaltar durante a pesquisa sobre a musicalização como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da comunicação e da interação das crianças com TEA, por se tratar do tema principal da pesquisa. Portanto, foi questionado aos professores participantes se houve mudanças da socialização desses indivíduos após a implantação das aulas de musicalização na escola.

De acordo com os participantes, a musicalização trouxe retornos positivos para a parte social das crianças. Conforme a resposta da participante 1, é possível notar

avanços significativos, afirmando que: “sim, o avanço da linguagem e da socialização é notório, as músicas e a ludicidade contribuem de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo / social e motor da criança com TEA.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 1, 2023).

A professora deixa explícito os pontos positivos da musicalização, comentando que houve um avanço na linguagem, ou seja, favoreceu um aumento do vocabulário da criança, trazendo também um desenvolvimento da parte cognitiva, social e motora. Seguindo com os benefícios da musicalização, a participante 2 realça “Sim, a música aproxima e inclui as crianças com TEA, fazendo com que elas se mantenham concentradas aos comandos.” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2, 2023). A professora destaca como a música aproxima esses indivíduos, tendo o poder de inclusão. Destacando também, que as crianças tendem a ter uma concentração maior quanto aos comandos ditados pelo professor.

Em torno do participante 3, o mesmo relata que “sim, haja vista que a música é um estímulo diferenciado por trabalhar os dois lados do cérebro, a criança estimula-se no aspecto tanto cognitivo como afetivo” (INFORMAÇÃO VERBAL, PARTICIPANTE 2, 2023). O professor destaca que a música é um estímulo diferente capaz de trabalhar partes do cérebro e completa dizendo que a criança é estimulada a desenvolver a parte cognitiva e afetiva, o que favorece o comunicar de forma funcional.

Assim como na fala do participante 3, Oliveira (2020) em seu estudo retrata que “pelo fato de a escuta/execução musical ativar as áreas cerebrais da fala, a música pode aumentar as conexões entre essas áreas do cérebro e, com isso, beneficiar habilidades comunicativas” (p.15). A fala do professor é plausível e importante tendo em vista que traduz a neuroplasticidade que o nosso cérebro é capaz de fazer, ou seja, a capacidade de criar diferentes conexões com base nos estímulos recebidos.

Portanto, é de fácil entendimento que a implementação da musicalização na escola tornou-se um recurso pedagógico valioso para o desenvolvimento da comunicação e da interação das crianças com TEA. Seja pela observação mais direta, ou seja, os avanços conseguidos rapidamente no trabalho cotidiano, bem como, nos avanços mais internos que a criança faz ao estabelecer novas conexões cerebrais.

3CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como outros recursos pedagógicos, a musicalização é um forte facilitador para o desenvolvimento da socialização de crianças autistas. Considerando que esses indivíduos apresentam dificuldades na comunicação e interação, a estratégia pedagógica de implementação da musicalização no dia a dia dessas crianças, trouxe benefícios para o seu desenvolvimento social.

Outras formas de colaborar para que essas crianças desenvolvam e socializem foram observadas, tais como, musicalização em roda, realizações de sessões de musicoterapia, aulas de música com danças e instrumentos musicais, onde foram orientando-os sempre a compartilhar esses recursos, o que colaborou para uma interação durante as aulas.

Para adquirir os resultados sobre como essas crianças desenvolveram-se através da musicalização, foi aplicado um breve questionário aos profissionais que trabalham diariamente com crianças com TEA em uma escola privada, o que contribuiu a chegarmos aos resultados da pesquisa. Reforçando as práticas subjetividade já observadas em sala.

Quanto aos objetivos desse artigo, foi-se alcançados pois foi analisado que a musicalização colaborou para o desenvolvimento da interação, socialização e comunicação de crianças autistas, como verificado nas respostas dos participantes que colaboraram para que o objetivo fosse alcançado. Reforçando assim o espaço fundamental da musicalização.

Por fim, além dos benefícios oferecidas pela musicalização, os professores que trabalham com crianças autistas devem adquirir conhecimentos sobre tais condições do espectro autista para, então, saber trabalhar com esses indivíduos e estimular o aprendizado e socialização com o meio em qual está inserido. Possibilitando um efetivo processo de inclusão escolar destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

- AIRES FILHO, Sergio Alexandre de Almeida et al. Educação musical e autismo: um estudo sobre o desenvolvimento de crianças autistas na musicalização infantil. 2020.
- Asnis, V. P., Elias, N. C., Ferreira, T. L., Fernandes, F. R., Macari, F. L. E., & van Langendonck, M. Musicalização e socialização para crianças e adolescentes com autismo.
- ASSUMPÇÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 37-39, 2000.
- DE OLIVEIRA, Débora Alves. Musicalização na educação infantil. *ETD: Educação Temática Digital*, v. 3, n. 1, p. 90-105, 2001.
- DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 2011.
- DO CARMO OLIVEIRA, Gleisson et al. Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas. 2020.
- FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. *Psicologia USP*, v. 31, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.
- <https://www.normasabnt.org/normas-abnt-2022/>
- INTO, D. P. de .; CRUZ, E. M. de S. .; PINTO, J. A. .; BRAGA, T. S. .; PAULA, V. C. de . A importância da roda de conversa na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 1298–1309, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i6.1637. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1637>. Acesso em: 19 set. 2023.
- JUNIOR¹, Ademir Pinto Adorno DE oliveira; CIPOLA, Eva Sandra Monteiro. Musicalização no processo de aprendizagem infantil. *Revista Científica UNAR*, v. 15, n. 2, p. 127, 2017.
- LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 20, p. 117-130, 2014.
- MARANHÃO, Ana Léa. Musicoterapia no autismo. *REVISTA HUMANITARIS-B3*, v. 2, n. 2, p. p. 97-106, 2021.
- NOBRE, Estter Ferreira Felipe. As contribuições da musicalização no transtorno do espectro autista. 2022.
- SANTIAGO, Ariosvaldo Novais; DOS SANTOS, Tamara Cardoso; DE SOUZA, Vanuza Silva. Interação e autismo em sala de aula regular na rede municipal de ensino de itaberaba na bahia.
- ZANON , Regina Basson et al. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. In: ZANON, Regina Basson et al. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. Scielo, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>. Acesso em: 6 set. 2023.
- ZILBOVICIUS, Mônica; MERESSE, Isabelle; BODDAERT, Nathalie. Autismo:

neuroimagem. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 28, p. s21-s28, 2006.

APÊNDICE A– Formulário aplicado aos professores

1 – Graduação

2 – Pós graduação

3 – Quantos anos exerce a profissão?

4 – Há quanto tempo você está vinculado a esta escola?

5 – Você observa que a musicalização afeta o desenvolvimento e a socialização dos alunos autistas?

6 – Quando em roda, as crianças que possuem autismo socializam e interagem com outras crianças?

7 – A criança consegue acompanhar as orientações propostas pelo professor na rodinha?

8 – Após o momento da realização da rodinha é observado que a criança ainda consegue estabelecer uma comunicação com os colegas?

9 – Foi verificado mudanças na interação social e na comunicação da criança com a implementação da musicalização como estratégia pedagógica?